

## OS GÉRMENS SÃO SEMEADOS: AS EXPERIÊNCIAS DA ESCOLA MODERNA AO REDOR DO MUNDO

Pedro Henrique Prado da Silva  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

A Educação Popular é um campo debatido por muitos setores da sociedade e na História da Educação se fez presente em diferentes grupos ideológicos. Uns discutiam a formação do sujeito para mão de obra industrial, já outros para uma educação voltada à transformação social e aos princípios socialistas. No campo socialista foram verificadas diversas experiências com diferentes métodos e objetivos. Desse modo nos concentramos em resgatar a história da Escola Moderna de Barcelona (1901-1906) e de seu fundador Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). No presente trabalho, analisamos o programa da Escola Moderna e sua pedagogia para compreendermos os motivos de seu alcance por todo o mundo, principalmente após o surgimento da “Liga Internacional para Educação Racional da Infância” (1908) e a morte de Ferrer (1909). Destacamos as experiências em outros países no mesmo modelo da Escola Moderna inclusive fora do continente europeu. Observamos que a proposta de uma educação de caráter classista, respeitando as necessidades do proletariado foi um fator que fez a ideia repercutir no meio operário. A rede de colaboradores de Ferrer foi bastante diversa e tinha como um de seus princípios o Internacionalismo, sendo estes também fatores que favoreceram a essa propaganda.

Palavras-chaves: Educação Popular; Escola Moderna de Barcelona; Francisco Ferrer y Guardia.

## LAS SEMILLAS SE SIEMBRAN: LAS EXPERIENCIAS DE LA ESCUELA MODERNA EN TODO EL MUNDO

### RESUMÉ

La Educación Popular es un campo debatido por diversos sectores de la sociedad y en la Historia de la Educación estuvo presente en diferentes grupos ideológicos. Algunos discutieron la formación del sujeto para el trabajo industrial otros a una educación orientada a la transformación social y los principios socialistas. En el campo socialista comprobará diversas experiencias con diferentes métodos y objetivos. Nos centramos en el rescate de la historia de la Escuela Moderna de Barcelona (1901-1906) y de su fundador Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Comprobamos lo programa de la Escuela Moderna y su pedagogia para entendermos los motivos de su alcance en todo el mundo, sobre todo, después de La aparición de la “Liga Internacional para Educación de la Infancia” (1908) e la muerte de Ferrer (1909). Resalte las experiencias en otros países en el mismo modelo de la Escuela Moderna, incluso fuera del continente europeo. Observamos que la propuesta de educación classista, respetando las necesidades del proletariado fue un factor que proporcionó la idea resuena entre los obreros en todo el mundo. Además, la red de colaboración de Ferrer ser diversa y tienen como uno de sus principios el Internacionalismo, que también son factores que favorecieron la propaganda.

Palabras-claves: Educación Popular; Escuela Moderna de Barcelona; Francisco Ferrer y Guardia.

## INTRODUÇÃO

A problemática da Educação Popular sempre foi uma preocupação de alguns setores da sociedade, principalmente no período da modernização, quando a necessidade de uma mão de obra qualificada com características específicas para o trabalho industrial, rompendo com o trabalhador do campo, concretizava-se como ordem preponderante, surgindo um novo sujeito, o operariado urbano. Para a formação dessa mão de obra era necessário uma educação para tal e alguns se detiveram a isso. No século XIX na Europa, ocorreram discussões dos socialistas utópicos destacando a importância da educação integral para o proletariado, entretanto, com um viés antagônico ao interesse das classes dominantes. O objetivo da educação integral era uma formação para a emancipação do povo, uma vulgarização do conhecimento que proporcionasse um questionamento da dominação de classes que concretizava-se naquele momento.

Esse debate perdurou por todo o século e, no meio socialista, foi uma das principais exigências. Havendo divergências ideológicas, alguns socialistas lutavam pela ampliação da educação formal para o operariado, entendendo essa como a melhor maneira para a ascensão proletária, enquanto outros setores destacavam a necessidade da diminuição da carga horária de trabalho para terem o acesso à educação e a construção de uma pedagogia que evidenciasse as próprias necessidades dos trabalhadores. (DOMMANGET, 1972).

Outros setores buscavam a causa para os seus interesses, é o caso dos Positivistas e Liberais que enfatizavam a importância de uma educação científica como redentora dos desfavorecidos e fora dos ditames da Igreja Católica e do Estado nesse período do século XIX e início do XX. Entretanto, a instrução popular vai se concentrar nessas duas instituições, Igreja e Estado, e algumas experiências de Educação Popular direcionada a uma classe<sup>1</sup> específica, como instrumento de emancipação proletária e transformação social, surgiram pela Europa.

O objetivo desse trabalho é resgatar a história de uma dessas experiências de Educação Popular: a Escola Moderna de Barcelona, fundada e idealizada por Francisco Ferrer y Guardia. Enfatizamos que para obter essa pesquisa fora de suma importância a análise de uma história que considera as pessoas comuns, as experiências do cotidiano, uma *história vista de baixo*, como método (THOMPSON, 2004, 2005). Colocarmos em foco os indivíduos à margem da história, daquela que considera como principais objetos as instituições e pessoas dos setores hegemônicos nos proporcionou verificarmos novos objetos na História da Educação.

Então, verificaremos sucintamente o programa da Escola Moderna de Barcelona, quais seus objetivos e métodos para compreendermos os motivos de sua repercussão. E aprofundaremos como a experiência teve alcance pelo mundo, principalmente após a fundação da “Liga Internacional para Educação Racional da Infância” em 1908 e a morte de Francisco Ferrer em outubro de 1909, fazendo surgir novas experiências no mesmo modelo proposto em Barcelona. Desse modo, trataremos, especificamente, da propaganda que a Escola Moderna conseguiu atingir resgatando as experiências nos países da Europa e em outros continentes.

## A ESCOLA MODERNA DE BARCELONA

Fundada em agosto de 1901 e inaugurada em 8 de setembro do mesmo ano, a Escola Moderna estava localizada na Rua Bailen, no subúrbio de Barcelona. Nesse período

a conjuntura da Espanha era a experiência da terceira república que se tentara estruturar no país com um grande alvoroço liberal ao ensino anticlerical e racionalista (CAPPELLETTI, 2012, pp. 28-31). Aproveitando-se disso, a Escola Moderna iniciou suas propostas. O objetivo de Ferrer era dar acesso a uma educação racionalista e científica para o proletariado espanhol. Sua preocupação era possibilitar a vulgarização do conhecimento realista e crítico para todos sem o prejuízo dos dogmas, ou seja, do conhecimento metafísico e fantasioso. Em seu programa, Ferrer afirmava que

A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que os meninos e as meninas que lhe forem confiados se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. Para isto, o estudo dogmático será substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 38).

Na inauguração da Escola, um dos oradores, Salas Antón, enfatizou a necessidade das ciências naturais no ensino das crianças e que todos os professores ali presentes deveriam seguir os princípios dos pedagogos naturalistas que colocavam os estudantes em contato com a natureza (BOLETIN DE LA ESCUELA MODERNA, 1901, p. 4). A prática do ensino ativo, no aprendizado das ciências naturais em passeios campestres e saídas de campo, que proporcionava o contato com a natureza e com o meio social, é uma prática da educação integral defendida por alguns socialistas, principalmente os anarquistas<sup>2</sup>.

Esse princípio é também observado no ensino de disciplinas como: botânica, fisiologia e física, e nas instalações da escola: “lâminas de fisiologia vegetal e animal, coleções de mineralogia, botânica e zoologia; gabinete de física e laboratório especial; máquina de projeção; substâncias alimentares, industriais, minerais etc.” (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 41).

A educação de meninos e meninas (coeducação dos sexos) e de diferentes classes sociais e a abolição de exames e de punições e prêmios constituíam-se em uma experiência educacional transformadora nesse período na Espanha e que a Escola defendia em seu programa. A respeito das condições femininas naquele momento segue o comentário de Ferrer y Guardia:

O que palpita, o que vive por todas as partes em nossas sociedades cristãs como fruto e objetivo da evolução patriarcal, é a mulher não pertencendo a si mesma, sendo nem mais nem menos que um adjetivo do homem, atado continuamente ao pilar de seu domínio absoluto (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 49).

E continua ao afirmar a necessidade da coeducação de classes sociais:

Poderia ter fundado uma escola gratuita; mas uma escola para crianças pobres não poderia ter sido uma escola racional, porque se não lhes ensinasse a credulidade e a submissão como nas escolas antigas, teria lhes inclinado forçosamente à rebeldia, teriam surgido espontaneamente sentimentos de ódio.

Porque o dilema é irreduzível; não há meio termo para a escola exclusiva da classe deserdada: ou o acatamento do erro e da ignorância sistemática sustentados por um falso ensino, ou o ódio àqueles que lhes subjagam e exploram. (FERRER y GUARDIA, 2013, pp. 53-54).

A atuação da Escola Moderna prima pela defesa de uma educação que pratique os valores da igualdade, liberdade e solidariedade entre todos os indivíduos “como consigna a famosa Declaração revolucionária em sua primeira cláusula com estas palavras indestrutíveis: os homens nascem e permanecem livres e iguais em direito” (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 54). Assim, fez-se presente a necessidade do rompimento com os paradigmas existentes naquele momento. A coeducação dos sexos e classes sociais era um modo de aprendizagem que fortalecia os laços desses princípios morais que a Escola prezava. Não havia hierarquização dos alunos, no sentido que as meninas não representavam um gênero inferior em relação aos meninos e vice e versa, e o mesmo valia para a coeducação de classes sociais. O desejo era por uma educação que obtivesse no futuro uma sociedade igualitária, de indivíduos autônomos e que prezassem pelo apoio mútuo.

Ferrer tinha consciência de que o que predominava na sociedade era o abuso de poder e a dominação à classe proletária, embora para ele tudo tivesse seu tempo, por isso destaca que “a Escola Moderna opera sobre as crianças a quem pela educação e pela instrução prepara para serem homens, e não antecipa amores nem ódios, adesões nem rebeldias, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos” (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 54). O intuito era uma conscientização e reflexão da realidade, e o caminho que seria tomado pelos estudantes posteriormente, eles mesmos é que iriam realizar. Compreendendo que viviam em uma sociedade de classes e o embate era constante, Ferrer verificou a necessidade de uma educação para os desfavorecidos, mas não poderia reproduzir a desigualdade e a luta de classes na Escola Moderna.

Outra importante experiência realizada pela Escola Moderna foi a abolição dos prêmios, castigos e os exames. Para seu idealizador, não era possível defender uma educação racionalista com os valores morais defendidos na sociedade na qual se encontrava, onde se classificavam as crianças por sua eficiência em testes.

Admitida e praticada a coeducação de meninos e meninas e ricos e pobres, ou seja, partindo da solidariedade e da igualdade, não criaríamos uma desigualdade nova, e, portanto, na Escola Moderna não havia prêmios, nem castigos, nem provas em que houvessem alunos ensoberbecidos com a nota dez, medianias que se conformassem com a vulgaríssima nota de aprovados nem infelizes que sofressem o opróbrio de se verem depreciados como incapazes (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 85).

O que importava para Ferrer é que a criança pudesse se desenvolver por si só, conquistasse a sua autonomia e independência intelectual. As avaliações realizadas pelos professores na escola pública “comum” geravam uma hierarquização entre os educandos fazendo com que se concluísse que existiam crianças melhores e piores, uma “hierarquização pedagógica” já moldados a uma concepção social de dominação que construía-se nessa época. Assim, a Escola Moderna não poderia fundamentar-se nos mesmos princípios, já que realizava uma crítica a esta sociedade hierárquica e à escola que cultivava as atividades burocráticas.

#### **DA “LIGA” AO FUZILAMENTO**

Em 4 de junho de 1906, Francisco Ferrer y Guardia foi detido, pela primeira vez, por um incidente ocorrido com um ex-colaborador da Escola Moderna, Mateo Morral.

Morral, um anarquista insurrecionalista e filho de sindicalistas, lançou uma bomba contra o rei Alfonso XIII e sua esposa Victoria Battenberg, ocasionando a morte de 26 pessoas e deixando outros 107 feridos. Seus principais inimigos aproveitaram o momento para acusá-lo de ter planejado com Morral o atentado, o que ocasionou o fechamento da Escola Moderna (CAPPELLETTI, 2012, p. 103-104). Ferrer foi preso e ameaçaram-no com a pena de morte. No período em que Ferrer ficou enclausurado, entre junho de 1906 e junho de 1907, foram realizadas inúmeras manifestações pró-Ferrer e a Escola Moderna em todo o mundo. O próprio Ferrer esclareceu sobre sua prisão, o fechamento da escola e o apoio de progressistas na sua soltura.

Meus inimigos, que são todos os reacionários do mundo, representados pelos estacionários e pelos regressivos de Barcelona, em um primeiro momento, e, em breve, de toda a Espanha, acreditaram ter triunfado ao me incluir em um processo com ameaça de morte e de difamação de memória e ao fechar a Escola Moderna; mas seu triunfo não passou de um episódio de luta empreendida pelo racionalismo prático contra o grande obstáculo atávico e tradicionalista. A ousadia torpe com que chegaram a pedir contra mim a pena de morte, retirada menos pela retidão do tribunal do que por minha inocência resplandecente, me atraiu a simpatia de todos os liberais, ou, melhor dizendo, de todos os verdadeiros progressistas do mundo, e fixou sua atenção sobre o significado e o ideal da Escola Moderna, produzindo um movimento universal de protesto e de admiração não interrompido durante um ano, de maio de 1906 a junho de 1907, que a imprensa de todos os idiomas da civilização moderna daquele período reflete com seus artigos editoriais ou seus artigos de distinta colaboração, ou com a resenha de reuniões, conferências ou manifestações populares (FERRER y GUARDIA, 2013, p.164-165)

Absolvido por um tribunal civil por falta de provas, Ferrer decidiu se exilar novamente na França, período no qual finalizou o livro sobre a Escola Moderna, iniciado enquanto estava preso. Ferrer foi à Paris para manter contato com simpatizantes e amigos da Escola Moderna perseverando na propaganda da pedagogia racionalista. Em Paris, se encontrou com Carlo Malato, um anarquista espanhol e colaborador da Escola Moderna. Em Londres manteve contato com o professor de matemática cubano Tarrida de Mármol, também com Rudolf Rocker, o sindicalista libertário alemão, W. Heaford, secretário da “Liga de Livres Pensadores Ingleses” e o anarquista russo Piort Kropotkin (SOL FERRER, 1962 apud CAPPELLETTI, 2013, p. 108-109).

Apesar de afastado da Escola, Ferrer manteve suas concepções pedagógicas vivas, por meio da editora<sup>3</sup>. Em 1905, era possível contabilizar na província de Barcelona 147 sucursais da Escola Moderna e também instituições de educação elementar em Madri, Córdoba, Málaga, Sevilha, Cadiz e Granada. A experiência surge também no restante da Europa aparecendo instituições inspiradas na experiência da Escola Moderna em Portugal, na Holanda, na Suíça, na Itália, entre outros lugares (CAPPELLETTI, 1994, p. 29).

Em 1908, Ferrer criou a “Liga Internacional para Educação Racional da Infância<sup>4</sup>”, “recebendo o apoio de Máximo Gorki<sup>5</sup>, Antole France<sup>6</sup>, sábio Langevin<sup>7</sup>, Bernard Shaw<sup>8</sup> e do socialista Aristide Briand<sup>9</sup>” (TRAGTENBERG, 2004, p. 131-132). Essa “Liga” possuía órgãos próprios: na Espanha (*Boletín de la Escuela Moderna*); na França (*L'Ecole Renovée*) e Itália (*Scuola Laica*), que

expõem, discutem e difundem todas as novidades pedagógicas encaminhadas à depuração da ciência de todo contato impuro com o erro, ao desaparecimento de toda credulidade, à perfeita concordância entre o que se crê e o que se sabe e a destruir o privilégio daquele esoterismo que desde os tempos mais remotos vinha deixando o esoterismo para as massas (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 165).

Também havia, nessa mesma “Liga”, “seções na Suíça, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Holanda e Portugal” (TRAGTENBERG, 2004, p. 132). O desejo de Ferrer era que com cada compilação do saber crítico e científico que esses órgãos se propunham em divulgar às massas pudesse

brotar o grande determinante de uma ação poderosa, consciente e combinada, que dê à revolução futura o caráter de manifestação prática de aplicação sociológica, sem arrebatamentos nem vinganças, nem tragédias terríveis nem sacrifícios heroicos, sem confrontos estéreis, sem desfalecimentos de iludidos e apaixonados comprados pela reação, porque o ensino científico e racional terá dissolvido a massa popular para fazer de cada mulher e de cada homem um ser consciente, responsável e ativo, que determinará sua vontade por seu próprio juízo, assessorado por seu próprio conhecimento, livre para sempre da paixão sugerida pelos exploradores do respeito ao tradicional e do charlatanismo dos modernos forjadores de programas políticos (FERRER y GUARDIA, 2013, p. 166).

Em 1909, Ferrer retornou à Espanha, para Alella, sua cidade natal, devido a um chamado de seu irmão, porque sua cunhada e sua filha estavam doentes (GONÇALVES, 2007, p. 38). Nesse momento a Espanha passava por um período conturbado, pois havia muitos protestos contra o envio de tropas ao Marrocos, última colônia espanhola, tendo grande adesão popular. Desencadeou-se uma greve geral dos trabalhadores de ferrovias, protestos contra a monarquia, onde o principal foco eram as instituições eclesiásticas, com queima de Igrejas e colégios religiosos. Instaurou-se, neste período, uma insurreição popular contra as ações do clero.

Ferrer foi surpreendido com a “Semana Trágica”, nome dado a esse período de insurreições populares pelo governo, e decidiu se manter reservado por algumas semanas em uma casa de campo. Com o término do alvoroço popular, o governo necessitava apontar inimigos e culpados para serem os personagens do terrorismo e inimigos do povo.

Então, pela ocasião e as insistentes perseguições do Governo e da Igreja, Ferrer foi preso novamente em setembro de 1909, a editora da Escola Moderna foi fechada, quando foram apreendidos mais de 100.000 exemplares de livros didáticos e Boletins da escola. “Ferrer [foi] rapidamente submetido a Conselho de Guerra onde só o depoimento da acusação [foi] ouvido, transcorrendo o processo sem que as testemunhas de defesa [fossem] ouvidas e sem acareação” (TRAGTENBERG, 2004, p. 136). Condenado à morte, após um julgamento torpe, acusado de ter planejado toda a “Semana Trágica” em Barcelona, Ferrer foi executado nos porões do castelo de Moutjuich, em 13 de outubro de 1909.

Ferrer demonstrou, em seu julgamento, grande firmeza e se recusou receber os sacramentos da Igreja e foi com muita dignidade para o patíbulo e suas últimas palavras foram: “Viva a Escola Moderna!” (CAPPELLETTI, 2012, p. 116). Seu grito “Viva a Escola Moderna!” ecoou por todo o mundo, sendo o fato de seu assassinato o motivador de

inúmeros protestos realizados pelos trabalhadores, defensores da pedagogia racionalista e da Educação Popular.

O fuzilamento de Ferrer provocou uma onda de indignação e protesto por todo o mundo. Se declarou greves, se assaltaram embaixadas e consulados espanhóis, se publicaram milhares de artigos periodísticos e folhetos exaltando a figura do mestre catalão e condenado a brutal repressão do Governo de Madrid. Houve manifestações em Paris, Roma, Nápoles, Turím, Bolonha, Porto, Coimbra, Lisboa, Valência, Niza, Narbona, Trieste, Orán, Lieja, Lyon, Bruxelas, Marselha, Génova, Veneza, Londres, Buenos Aires, Berlim etc. As mais conhecidas figuras europeias das letras, do pensamento, da política, enviaram indignados protestos às autoridades espanholas por aquele assassinato legal. Maeterlinck e Anatole France, Jean Jaurès e Clemenceau, Kropotkin e Malato, Hauptmann e Sudermann somaram suas vozes as do povo europeu (FERNÁNDEZ DE LA REGUERA & MARCH, 1968; LAPOUGE-BÉCARUD, 1977 apud CAPPELLETTI, 2012, p. 116-117).

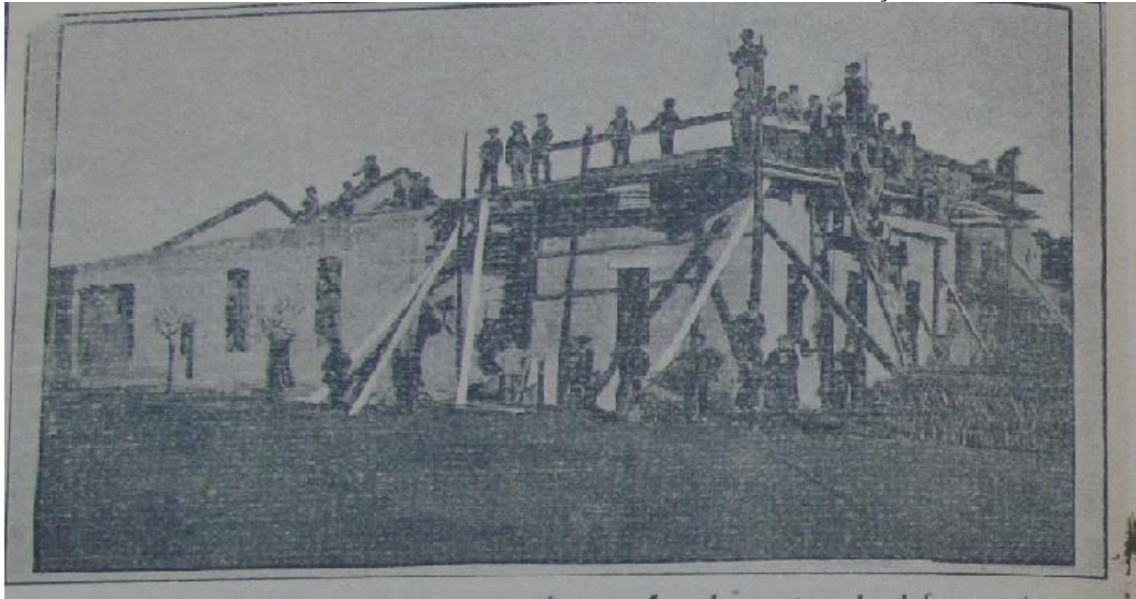
Aqui no Brasil também houve grande repercussão, tendo grandes protestos operários, panfletos e matérias de propaganda, livretos e fotografias do pedagogo popular sendo distribuídos em manifestações de rua e dentro das associações operárias. Uma “Comissão Contra A Reação Espanhola” foi criada aqui no Rio de Janeiro sendo publicado um material sobre a biografia de Ferrer, seus textos, sobre a “Liga Internacional para a Educação Racionalista da Infância”, sobre a “Semana Trágica” e seu fuzilamento, com poemas e cartas de personagens adeptos aos pensamentos *ferreristas*. Nessa produção editorial eram elucidados os protestos que ocorreram no mundo, em destaque para os acontecimentos “em toda América, onde houve importantes manifestações nos Estados Unidos, em Cuba, Chile, Peru, Uruguai e Argentina” (CCRE, 1909, p. 11). No Brasil houve manifestações em quase todos os Estados: Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Maranhão, Ceará e no Estado do Rio de Janeiro, onde diversas classes de trabalho aderiram aos protestos, não só na capital, mas também no interior como: Barra Mansa, Cachoeira de Itapemirim e Campos dos Goytacazes.

### AS ESCOLAS MODERNAS PELO MUNDO

Como já referimos anteriormente, as práticas de Ferrer motivaram novas experiências em outros lugares, inclusive fora da Espanha e da Europa. Durante a existência da Escola Moderna de Barcelona e após a morte de Francisco Ferrer foram abertos cursos noturnos para os operários, “Ligas Racionalistas”, bibliotecas populares nas dependências de sindicatos, sucursais da Escola Moderna, revistas e periódicos com temas sobre Ferrer, educação operária, racionalista e etc. Por isso destacamos a seguir algumas dessas experiências.

A primeira experiência que temos que destacar é o “*L’Asilo-Scuola Razionalista*” de Clivio, na Itália. Nessa pequena cidade italiana, criou-se a primeira e única experiência concreta de Escola Moderna encontrada em pesquisas até agora naquele país. Construída pelos operários que viviam nesse pequeno vilarejo e fundada em 31 de Janeiro de 1909, a construção das dependências dessa escola começaram em 1908 (CODELLO, 2012, p. 542). Seu principal idealizador foi Felice Monzini, integrante da Sociedade Operária de Clivio, juntamente com alguns anarquistas (idem, p. 541). Era uma instituição comprometida com a educação laica e racionalista para as crianças.

*“L’Asilo-Scuola Razionalista” de Clivio em Construção*



Fonte: Revista Francisco Ferrer

*“L’Asilo-Scuola Razionalista” de Clivio com as obras concluídas.*



El Asilo Escuela Moderna Razionalista, terminado y pronto á inaugurarse.

Fonte: Revista Francisco Ferrer

Sobre a construção do *“L’Asilo-Scuola Razionalista”*, lemos:

Desde o dia em que nos propusemos à obra, até o dia da inauguração, para nós não houve um dia de descanso, antes pelo contrário do domingo o maior número de companheiros se unia a nós, felizes de trabalhar pelas



novas gerações (REVISTA FRANCISCO FERRER, Buenos Aires, Ano I, Nº 1, 01-05-1911, p. 9).

Seu primeiro dia contou com a participação de todos os operários da cidade e cerca de 20 crianças, meninos e meninas, que começariam na jornada da Escola Moderna de Clivio. A Escola ainda mantinha um boletim bimestral que divulgava textos e os resultados obtidos (LA ESCUELA POPULAR, Buenos Aires, Ano I, Nº 3, 01-12-1912, p. 20). No ano seguinte de sua fundação, a Escola Moderna de Clivio perdeu sua diretora Anita Molinari, irmã de Luigi Molinari diretor da *Università Popolare* (CAPPELLETTI, 1994, p. 29). A Escola se manteve até o início da Primeira Guerra Mundial. Entre 1915-1918 encerrou suas atividades e as retomou em 1920. O período de 1920 a 1922 foi o mais ativo da Escola que encerrou suas atividades definitivamente com a instalação do governo Nazifascista na Itália (CODELLO, 2012, pp. 544-551).

Ainda na Itália, ocorreu a tentativa de implantação de outra Escola Moderna, a de Milão. O mesmo Luigi Molinari em correspondência com a “*La Escuela Popular*” da Argentina divulgou os anseios dos trabalhadores milaneses que buscavam “criar uma instituição educacional para os filhos do povo, com intuito de preparar uma geração consciente e disposta a lutar e reivindicar política e economicamente” (MOLINARI, *La Escuela Popular*, Buenos Aires, Ano I, Nº 5, 03-03-1913, p.8). Com a mobilização de socialistas, republicanos e anarquistas para tornar realidade essa instituição, Molinari apresentou um problema que deveria ser superado para se conseguir a fundação da escola: a questão financeira (idem, p.8). Para sanar tal problema, Molinari propôs duas alternativas: a primeira, iniciar uma subscrição pública e solicitar aos trabalhadores uma cota para se conquistar os insumos para a escola (idem, p. 9), e a segunda era se comprometer em organizar uma cooperativa de trabalhadores que se preocupasse em conseguir os recursos necessários para a fundação da Escola Moderna de Milão.

Também na Suíça, mais especificamente em Lausanne, se fundou uma Escola Moderna no ano de 1910, que nesse mesmo ano já contava com cerca de cinquenta crianças, meninos e meninas (CODELLO, 2012, p. 521). Seu diretor Jean Wintsch é um notável e ativo militante anarquista da época, colaborando com a edição da “*Le Reveil Socialiste Anarchiste*” (idem, p. 522).

Jean Wintsch apontou as conquistas da higiene pessoal e escolar obtidas até então na Escola, uma escola que se importava com a saúde coletiva. Wintsch destacou a importância dos professores avaliarem as condições higiênicas das crianças, de promoverem a limpeza bucal, os banhos diários, as atividades ginásticas regulares etc. Justificava que a boa saúde dos alunos naquela escola devia-se aos passeios a parques, bosques, praças e museus, a ginástica diária etc. (WINTSCH, *La Escuela Popular*, Buenos Aires, Ano I, Nº 5, 03-03-1913, p. 13).

A Escola Moderna da Suíça manteve sua ação educativa por nove anos (1910-1919), principalmente, próximo ao sindicato da “*Fédération des Unions Ouvrières de la Suisse Romande*”, demonstrando que foi uma experiência de longa duração e que se apresentou como mais um instrumento de resistência da classe operária e militantes anarquistas nesse período.

De volta para a Espanha, temos duas experiências para destacarmos. A primeira é a “*Escuela Laica*” de Orense, uma pequena cidade na Espanha. Fundada em 1909, a Escola resistiu a todas as dificuldades impostas pelos círculos conservadores da época para

conquistar uma educação ideal para o operário, como afirmam os editores da *Revista Francisco Ferrer*, ao abordar a experiência da Escola:

Todos sabem das dificuldades econômicas, as penalidades que se impõem naquele país muitos operários para sustentar escolas onde podem encontrar para seus filhos uma educação e instrução protegida de prejuízos, e quando essas penalidades não existem as dificuldades que impõem às autoridades são maiores todavia (REVISTA FRANCISCO FERRER, Buenos Aires, Ano I, Nº 5, 01-07-1911, p. 9).

Professores e Alunos da Escola Laica de Orense



Fonte: Revista Francisco Ferrer

Em Valência tivemos, por sua vez, a principal referência das Escolas Modernas após o fechamento da Escola Moderna de Barcelona. A Escola Moderna de Valência foi fundada em setembro de 1907, uma continuação da antiga “*Escuela de la Primitiva Sociedad de Instrucción Laica*” (TORNER, Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Ano I, Nº 11, 13-10-1911, p. 10). Seu fundador e primeiro diretor foi o anarquista catalão Samuel Torner que, após sua saída de Valência para a Argentina, teve sua função ocupada por outro anarquista José Casassola (RIBALTA, 2011, p. 215).

Classe da Escola Moderna de Valência



Fonte: Revista Francisco Ferrer

A Escola se alocava na Praça de Pellicer, nº 1, e no seu primeiro ano teve 46 alunos, porém esse número cresceu no decorrer do ano de 1908-1909 chegando a cerca de 115 alunos de ambos os sexos (RIBALTA, 2011, p. 216). Torner, seu primeiro diretor, iniciou a edição de um órgão informativo da Escola chamado “*Humanidad Nueva*” que permaneceu ativo de fevereiro de 1907 a abril de 1909 (RIBALTA, 2011, p. 216). Tanto Torner quanto Casassola eram militantes muito ativos participando de *meetings*, conferências, reuniões operárias etc., sendo o primeiro perseguido e preso em 1909 pelo governo de Maura<sup>10</sup>, por divulgar o pensamento *ferrerista*, tentando assim, o governo liberal da época, acabar com a experiência da Escola Moderna de Valência, como afirmou o próprio Torner em um artigo.

As lutas partidárias, tão violentas na Espanha, que não veem meio, nem obras, nem pessoas, quem vem com toda a fúria e rancor, condicionados a instituição, e em 1909 um governador imbecil, por sorte desaparecido e um Maura *clericalista* clausura contra a lei e direito a Escola, enviando-me ao cárcere pensando assim matar a obra (TORNER, Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Ano I, Nº 11, 13-10-1911, p. 10).

Os métodos e as instalações da Escola em Valência assemelhavam-se às da Escola Moderna em Barcelona. Acreditamos que isso se devia ao fato de que grande parte dos colaboradores da Escola de Ferrer também auxiliassem na Escola de Torner. Inclusive o anarquista espanhol Anselmo Lorenzo escreveu o livro “*Igualdad, Libertad y Fraternidad*” publicado em 1908 para ser utilizado pela Escola. Torner apresentou as instalações e explicou os métodos praticados na experiência em Valência, dizendo:

(...) Não se ensina ali a memorização, criando repetidores mecânicos, nem se abruma a criança com estudos abstratos que degeneram sua inteligência e que fazem aborrecer o estudo. Pedagogicamente se utiliza a curiosidade inata na criança; se faz ver diversos objetos, utilizando o Museu Industrial escolar, mapas, coleções de geometria e História Natural, e assim a criança vai armazenando conhecimento sobre a elaboração do pão, os alimentos, as plantas,

a fabricação de vestidos, os materiais que entram em construção de casa, as minas, etc., etc., vai aprendendo também, como por jogo, geografia e conhecimentos vegetais e animais. A escola dispõe de bom material: mesas individuais, higiênicas; museus industriais e de História Natural; extensa coleção de minerais e fósseis, quadros para estudar fisiologia, mapas, coleção de peças e medidas, mostras em desenho linear de figuras e paisagens (TORNER, 1908 apud RIBALTA, 2011, p. 215-216).

Em 1909, com a grande repressão da “Semana Trágica” em Barcelona, Samuel Torner vai para a Argentina, contudo, seu legado continuou, juntamente com os trabalhadores e trabalhadoras de Valência, e seu sucessor, José Casassola, manteve seus métodos pedagógicos racionalistas, tanto que em 18 de setembro de 1911 foi preso novamente pelo governo de Maura, pois este governo preocupava-se com a educação emancipadora dessa escola. William Hanford, amigo pessoal de Ferrer e Torner, denunciou essas acusações.

Os signatários foram presos em suas casas e conduzidos à presença das autoridades civis; e de lá aos quartéis de artilharia, onde passaram um dia e uma noite em um calabouço nas piores condições imagináveis. (...) No dia seguinte foram maltratados e acorrentados e levados ao presídio Modelo de Valência e depois de quatro dias foram submetidos a interrogatório. (...) Sem dúvida, durante 23 dias permaneceram em cativeiro (HANFORD, Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Ano I, Nº14, 01-12-1911, p.12).

E continua elucidando o motivo e as consequências para a Escola.

Não cabe dúvidas que foram encarcerados por causa de sua conexão com a Escola Moderna de Valência. A Escola foi fechada. Todas as circunstâncias do presente caso apresentam-se com graves conjecturas a respeito das intenções ulteriores do Governo. Parece que se tramou outro caso Ferrer por meio ao contágio da ideia racionalista da Escola (idem, p. 12).

Essa perseguição ao diretor, aos colaboradores e a própria Escola Moderna de Valência nos fez perceber o quanto ela incomodava os governos liberais e os círculos conservadores desse período. Desse modo, pode-se explicar porque essa foi uma das principais instituições racionalistas que seguia a proposta educacional de Ferrer y Guardia, tendo no ano de 1911 quinhentos colaboradores (idem, p. 12).

Na América Central verificamos algumas experiências no campo anarquista no surgimento de escolas no modelo da Escola Moderna. Em Cuba existiam instituições que se comprometeram com a educação racionalista do operariado. Abordaremos algumas experiências presentes nesse país.

As primeiras instituições que se comprometeram com a educação do proletário cubano foram os Centros de Estudos Sociais (CES). Um dos primeiros centros criados foi vinculado a “*La Sociedad Varia*”, em 1904. Seus integrantes se constituíam, em sua grande maioria, de anarquistas cubanos e espanhóis como o tipógrafo Francisco Villamisar e o cubano Celestino Silva (COBOS, 2010, pp. 254-255).

No mesmo período da fundação dos CES começaram as propagandas da experiência da Escola Moderna em Barcelona, sendo difundida amplamente no meio

operário e alguns anarquistas espanhóis incentivaram a construção de Escolas Modernas na ilha. Um desses anarquistas foi Francisco Gonzáles Sola, que, segundo Cobos (2010), foi instruído pelo próprio Francisco Ferrer a ir à Cuba e divulgar a Escola Moderna para fomentar a formação de uma experiência concreta (p. 256).

Em 1908 foi fundada em Cuba uma seção da “Liga Internacional para a Educação Racional da Infância” e também foi criado o grupo “*Educación del Porvenir*”, com a finalidade de fundar escolas racionalistas (idem, p. 256). A primeira Escola fundada após a criação desse grupo esteve sob a responsabilidade do anarquista valenciano Miguel Martínez, que foi um colaborador de Ferrer y Guardia (idem, p. 256). Entre 1908 e 1909 houve muita propaganda em Cuba da escola racionalista inspirada em Ferrer e o resultado prático dessa ação foi a organização de Escolas Modernas, entre 1909 e 1912, principalmente nas cidades de Havana, Matança e Oriente (idem, p. 257).

Após esse período, da década de 1910 e início de 1920, o surgimento das instituições culturais e educativas vão vincular-se com um maior protagonismo nas associações operárias, principalmente, os sindicatos. Na década de 1920 foi fundada a “*Federación Obrera de La Habana*” (FOH), que em 1923, Julio Antonio Mella até então líder da reforma da Universidade de Havana, a pedido de Alfredo López<sup>11</sup>, militante da *Federación*, colaborou com a recém-fundada Escola Racionalista Noturna, uma instituição vinculada a FOH “a serviço dos operários e seguindo as tradições do maestro libertário Francisco Ferrer” (FERNÁNDEZ, 2000, p. 62).

No México tivemos uma experiência peculiar. A militância foi formada por um grupo de militantes anarquistas estrangeiros, principalmente espanhóis. Em 1912, fundou-se um grupo denominado de “Grupo Anarquista Luz” onde se encontravam Luis Méndez, Eloy Armenta e Jacinto Huitrón, anarquistas espanhóis e o colombiano Juan Francisco Moncaleano (SEGURA, 2002, p. 15). Moncaleano foi responsável pela divulgação dos pensamentos da Escola Moderna de Barcelona e da pedagogia popular e racionalista de Ferrer.

Moncaleano publicou uma série de ensaios sobre Francisco Ferrer y Guardia em forma de panfletos, que foi distribuída entre artesões e sindicalistas da cidade do México e nela se explicavam os postulados gerais da Escola Moderna ou Racionalista: programa pré-escolar para as crianças, biblioteca para os trabalhadores e o desenvolvimento de um sistema educativo completo que operava em cooperação com os sindicatos (CARBÓ, 2010, p. 145).

O “Grupo Luz” conseguiu com uma associação de classe, trezentos pesos para iniciarem o projeto da Escola Moderna Mexicana. Esta escola deveria ser inaugurada em 8 de setembro de 1912 (CARBÓ, 2010, pp. 145-146), porém, Moncaleano foi preso e expulso do país em setembro, o que impossibilitou a inauguração da escola. Seus companheiros decidiram então fundar “*Casa del Obrero*” que se constituiu como um centro de divulgação dos pensamentos progressistas e baseados nos textos que chegavam da Espanha, cujo os autores eram Luigi Fabbri<sup>12</sup>, Anselmo Lorenzo<sup>13</sup>, Ricardo Mella<sup>14</sup>, José Prat e outros autores (HUITRON, 1984 apud CARBÓ, 1995, p. 276). Esta instituição organizou reuniões que aconteciam aos domingos, ministrava aulas noturnas e possuía uma biblioteca (CARBÓ, 2010, p. 146). A “*Casa del Obrero*” preocupou-se com a educação dos trabalhadores mexicanos tentando envolvê-los na participação das atividades promovidas por esse grupo.

No início de 1913 a “*Casa del Obrero*” ampliou suas ações sociais incorporando novas atividades culturais e pedagógicas, apoiou a criação de novos sindicatos e participou de mais de setenta greves (idem, p. 147). De 1913 até 1915, a “*Casa del Obrero*” sofreu muita repressão e foi fechada inúmeras vezes. A partir de 1915, ela se instalou em um novo local, na Rua Motolinía, e criou vários projetos como “fundar um ‘*Ateneo Obrero*’, instalar uma Escola Racionalista, reorganizar a Federação de Sindicatos dos Trabalhadores do Distrito Federal e integrar uma Confederação Nacional, com o intuito de se unir ao movimento internacional de trabalhadores” (CARBÓ, 1995, p. 278). E, a partir de um enorme esforço, esses militantes e operários criaram a primeira Escola Racionalista do México que em sua inauguração teve encenada uma peça de teatro em homenagem a Ferrer relembrando o seu fuzilamento (idem, p. 278).

Assim, em 11 de novembro de 1915 foi criado o “Ateneu Ciência, Luz e Verdade”. Esta primeira Escola Racionalista Mexicana teve como seu primeiro inspetor Jacinto Huitrón. Seis grupos de alunos menores ficaram sob a responsabilidade dos seguintes professores/as: Adolfo González, Manuel E. Velasco, Lorenzo Camacho Escamilla, Paula Osorio Avendaño, Reynalda González Parra e Genoveva Hidalgo. O conteúdo estudado era: o estudo racional das ciências naturais e os primeiros conhecimentos elementares. Praticava-se a coeducação de sexos e classes, cultivava-se a higiene, não se admitia nem prêmio nem castigos. Estimulava-se o canto, excursões e visita às fábricas, conferências dominicais e ensinava-se o esperanto (HUITRÓN, 1984 apud CARBÓ, 1995, pp. 278-279).

A Escola Racionalista mexicana funcionou até 1916, quando foram presos diversos delegados da “*Casa del Obrero*” e aumentou a repressão do governo do General Pablo González contra o operariado da época. Carbó (1995; 2010) mostrou a importância da conquista de uma experiência da Escola Moderna no México, considerando que apesar de uma curta existência, ela surgiu a partir de uma organização operária ativa, independente e combativa, cultivando um projeto educativo crítico e antiautoritário.

Caminhando até a América do Sul, verificamos que em Montevideu também tivemos a organização de Escolas Modernas. Semelhante ao exemplo das demais experiências ocorridas pelo mundo, as Escolas Modernas no Uruguai vão se originar a partir do clamor com a morte de Ferrer. Um dos principais divulgadores do pensamento de Ferrer no Uruguai foi Miguel V. Moreno, que, segundo Gussinyer (1982), era um entusiasta do pensamento de Ferrer e um opositor ao governo *maurista* (p. 237).

Em abril de 1911, surgiu a “*Liga Popular Para La Educación Racional de La Infancia*” cujo principal incentivador é Laureano D’Ore, cujo pseudônimo é Albano Rosell ou Rossell (idem, p. 239). Desde sua origem a “Liga” promovia inúmeros atos e conferências e possuía muitos participantes (idem, p. 240). No estatuto da Liga verificamos os objetivos dessa instituição.

O objetivo da Liga Nacional para a Educação Racional da Infância é facilitar, em centros criados para ensino, uma preparação para a vida, base fundamental da Escola, eixo em torno pela qual diz as vozes conduzir, ensinar, instruir, educar, etc. a quantas crianças de ambos os sexos responsabilizarem seus protetores; essa preparação, esse ensino, essa educação que se facilite estará sujeita ao critério e estudo científico-natural do meio e do modo de ser psíquico, fisiológico e moral que o educando exija, a fim de formar, no futuro, uma geração consciente e

boa, completa moral, intelectual, física, artística, etc., capaz de aproveitar suas próprias forças e serviços delas para a vida, sem se formar parte dessa humanidade viciosa e vencida, de abandono e impotência, que necessita cifrar seu triunfo na derrota do próximo. Estes centros funcionarão, quando se podem organizar, com arranjo ou plano, que de antemão será estudado e publicado, a fim de que cada um forme uma ideia clara da obra que se implementa (COMISION DE LA LIGA POPULAR PARA LA EDUCACION RACIONAL DE LA INFANCIA in Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Ano I, Nº 1, 01-05-1911, p. 6).

Podemos verificar a semelhança pedagógica com a Escola Moderna de Ferrer. A coeducação dos sexos; os princípios de igualdade, liberdade e solidariedade; a defesa de uma educação integral, física, intelectual, moral, artística etc. presentes nos objetivos da “Liga”, que nos fornece pistas sobre a intenção de implantar Escolas Racionalistas como um instrumento de conscientização dos operários uruguaios. A “Liga” se comprometeu inicialmente em editar material pedagógico. Após dois anos da sua fundação, a “Liga” conseguiu em 1913 fundar uma escola análoga à Escola Moderna de Barcelona, com o nome de Escola Integral, dirigida por Albano Rossell (GUSSINYER, 1982, p. 240). Haviam muitas entidades vinculadas à Escola Integral, principalmente as socialistas, progressistas de livre pensadores e anarquistas.

Ainda, a Liga publicava a revista “*Infancia*” e o “*Boletin de la Liga*” como meios de propaganda, nas quais suas seções destinavam

uma parte de seu espaço a questões de ordem interna e cuja a seção trimestralmente dará conta do seu cometido e estado da Comissão respectiva; outra parte para assuntos de ordem informativos e vários, e o resto, que nunca será menos que a metade de suas páginas, as questões de ordem doutrinal por completo, dentro do plano e fins que a Liga persegue (COMISION DE LA LIGA POPULAR PARA LA EDUCACION RACIONAL DE LA INFANCIA in Revista Francisco Ferrer, Buenos Aires, Ano I, Nº 1, 01-05-1911, p. 6).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa proposta idealizada por Francisco Ferrer y Guardia em Barcelona, de proporcionar o acesso à ciência e ao conhecimento crítico pela classe operária espanhola no início do século XX, espalhou seu modelo pedagógico em vários países pelo mundo. O objetivo de uma educação que concentrava-se, também, nos interesses proletários foi um importante fator para a sua proposta se espalhar nos meios operários. Sua rede de contato facilitou que suas ideias perpetuassem por outros continentes e, em grande medida, essa propaganda pode ser associada à aceitação dos anarquistas.

O princípio do Internacionalismo, defendido pelos anarquistas, auxiliou na propagação, pelos espaços proletários (jornais, sindicatos, livros e etc.), das denúncias das perseguições sofridas por Ferrer bem como de suas propostas de Educação Popular, como vimos nas experiências realizadas em outros países. Esse alcance aumentou com a fundação da “Liga Internacional para Educação Racional da Infância” permitindo que seus informativos (*Boletin de la Escuela Moderna*, *L'Ecole Renovée* e *Scuola Laica*) e suas sessões tivessem divulgação em outros países. Ao verificarmos a amplitude da “Liga”

percebemos que em quase todos os países onde houve experiências da Escola Moderna foi fundada uma sessão da mesma antes ou depois da concretização do modelo pedagógico *ferrerista*. Com o fuzilamento de Ferrer, um alvoroço mundial ocorreu, passeatas, *meetings* e conferências realizadas pelos setores progressistas, principalmente os anarquistas, ocasionando uma identificação de sua figura como um mártir proletário e, conseqüentemente, sua ideia de Educação Popular como instrumento de resistência tornou-se comum no meio operário, tendo muitos adeptos e motivando a fundação de Escolas Modernas.

A propaganda da Escola Moderna nos motiva estabelecer outro fator para que ela alcançasse essa proporção mundial. Além desses acontecimentos já mencionados, a colaboração de figuras internacionais importantes, como alguns escritores, acadêmicos, políticos e maçons, foram de grande ajuda para a divulgação da proposta *ferrerista* e que ela não tivesse uma repercussão pejorativa por estar associada também ao meio proletário e anarquista. Assim, a rede de colaboradores de Ferrer era eclética com inúmeras figuras que defendiam o ensino racionalista auxiliando na divulgação de sua ideia. Embora em sua proposta a Escola Moderna fosse um instrumento de Educação Popular, Ferrer tinha em mente que o ensino racionalista não formasse rebeldes e revoltados, mas formasse sujeitos críticos e pensantes para que, posteriormente, se motivassem pela causa proletária. Dessa maneira, ela pode ter mais adeptos à sua pedagogia.

Entendermos que as proposições de Francisco Ferrer y Guardia no seu tempo e espaço e os motivos de sua repercussão mundialmente são elementos relevantes para adicionarmos novas questões nas discussões sobre Educação Popular hoje: Quais os reais objetivos da Educação Popular? Qual o seu campo de atuação? Quem são seus colaboradores e como os divulgar? Tais questões são elucidadas na história da Escola Moderna, entretanto devemos ainda escrever a nossa, a Educação Popular no tempo presente, que ainda necessita, e muito, avançar no seu campo de debates.

## REFERÊNCIAS

CAPPELLETTI, Angel J. **La Escuela Moderna En America Latina**. Educació i Història: Revista D'Història de L'Educación. Barcelona, Vol. 1, p. 29-33, 1994.

\_\_\_\_\_. **Francisco Ferrer y La Pedagogia Libertaria**. Tierra de Fuego/LaMalatesta Editora. Tenerife/Madrid, 2012.

CARBÓ, Anna Ribeira. **La Escuela Moderna en México: Una Azarosa Aventura Revolucionaria**. Boletín Americanista. Barcelona, nº 45, pp. 273-284, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ferrer Guardia en La Revolucion Mexicana**. Educació i Història: Revista D'Història de L'Educación. Barcelona, nº 16, pp. 139-159, jul-dez 2010.



COBOS, Amparo Sánchez. **La Reorganización Del Trabajo Libre: Los Anarquista Españoles y La Difusión Del Ideal Libertario en Cuba.** Millars. Castellón, XXXIII, pp. 243-259, 2010.

CODELLO, Francesco. **La Buona Educazione.** FrancoAngeli Storia. Milano, 2005.

COMISSÃO CONTRA REAÇÃO ESPANHOLA. **Número Especial Dedicado Aos Acontecimentos Da Espanha e a Obra de Ferrer.** Graphico Canton & Beyer. Rio de Janeiro, 13-11-1909.

DOMMANGET, Maurice. **Los Grandes Socialistas y La Educacion: de Platón a Lenin.** Editora Fragua. Madrid, 1972.

FERNÁNDEZ, Frank. **El Anarquismo en Cuba.** Fundación Anselmo Lorenzo. Madrid, 2000.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia Libertária: Anarquista, Anarquismos e Educação.** Editora Imaginário. São Paulo, 2007.

GONÇALVES, Aracely Mehl. **Francisco Ferrer y Guardia: Educação e a Imprensa Anarco-sindicalista – “A Plebe” (1917-1919).** Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Faculdade de Educação. 132 p. Ponta Grossa, 2007.

GUARDIA, Francisco Ferrer. **La Escuela Moderna.** LaMalates Editora/Tierra de Fuego/Utopia Libertária. Madrid/Tenerife/Buenos Aires, 2013.

GUSSINYER, Pere Solá. Los Grupos Del Magisterio Racionalista En Argentina Y Uruguay Hacia 1910 Y Sus Actitudes Ante La Enseñanza Laica Oficial. Salamanca. Revista História de La Educación. Vol. 1. pp. 229-246, 1982.

RIBALTA, Antoni Dalmau. **Samuel Torner, Mestre Racionalista i Ativista Libertari.** Educació i Història: Revista D’Història de L’Educación. Barcelona, nº 18, pp. 205-226, jul-dez 2011.

SAFÓN, Ramón. **O Racionalismo Combatente: Francisco Ferrer y Guardia.** Tradução: Plínio Augusto Coelho. Editora Imaginário. São Paulo, 2003.

SEGURA, M<sup>a</sup> Del Mar Araus. **La Escuela Moderna En Iberoamérica: Repercusión De La Muerte De Francisco Ferrer Guardia.** Boletín Americanista. Barcelona, nº 52, pp. 7-22, 2002.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum.** Tradução: Rosaura Eichenberg. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Vol. 1. Tradução: Denise Bottmann. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Românticos: A Inglaterra na Era Revolucionária**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2002.

TOMASSI, Tina. **Breviário Del Pensamiento Educativo Libertario**. 2º edição. Asociacion Artística “La Cuchilla”. Cali – Colômbia, 1988.

TRAGTENBERG, Maurício. **Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária**. In: Sobre Educação, Política e Sindicalismo. Editora UNESP. 3º edição. São Paulo, 2004.

### FONTES

**BOLETIN DE LA ESCUELA MODERNA**, Barcelona, Ano I, nº 1, 30-10-1901.

**LA ESCUELA POPULAR**, Buenos Aires, Ano I, nº 3, 01-12-1912.

**LA ESCUELA POPULAR**, Buenos Aires, Ano I, nº 5, 03-03-1913.

**REVISTA FRANCISCO FERRER**, Buenos Aires, Ano I, nº 1, 01-05-1911.

**REVISTA FRANCISCO FERRER**, Buenos Aires, Ano I, nº 11, 13-10-1911.

**REVISTA FRANCISCO FERRER**, Buenos Aires, Ano I, nº 5, 01-07-1911.

**REVISTA FRANCISCO FERRER**, Buenos Aires, Ano I, nº14, 01-12-1911.

### ACERVOS

Acervo Edgard Leuenroth – UNICAMP (AEL-UNICAMP).

Biblioteca Social Fábio Luz (BSFL).

---

<sup>1</sup> “Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como da consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (THOMPSON, 2004, p. 9).

<sup>2</sup> Os anarquistas no final do século XIX (inicialmente Proudhon e Bakunin e depois Robin e Faure) vão defender a Educação Popular como instrumento de emancipação proletária e consignava em seu arcabouço pedagógico alguns princípios como: Educação Integral; Ensino Racionalista e Científico; Liberdade, Igualdade e Solidariedade; Ação Direta; Autogestão e Internacionalismo. Nas experiências das Escolas Modernas, os anarquistas vão participar de maneira ativa nessa proposta, tendo Ferrer em Barcelona uma rede de colaboração que incluía anarquistas como: Carlo Malato, Anselmo Lorenzo, Eliesée Reclus e Piort Kropotkin. Para entender melhor a participação dos anarquistas na Escola Moderna ver: SILVA, Rodrigo

---

Rosa da. **Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferre y Guardia e a Rede de Militantes e Cientistas em Torno do Ensino Racionalista (1890-1920)**. Tese de doutorado da Universidade de São Paulo. 379 p. São Paulo, 2013.

<sup>3</sup> Editora Publicaciones de La Escuela Moderna.

<sup>4</sup> COMITÊ INTERNACIONAL DE INICIATIVA E DE DIREÇÃO.

Exposição

Esta Liga fica estabelecida sobre as seguintes bases:

1ª – A educação da infância deve fundamentar-se sobre uma base científica e racional; em consequência, é preciso separar dela toda noção mística ou sobrenatural;

2ª – A instrução é uma parte desta educação. A instrução deve compreender também, junto à formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, a cultura da vontade, a preparação do ser moral e físico bem equilibrado, cujas faculdades estejam harmonicamente associadas e elevadas ao seu máximo de potência;

3ª – A educação moral, muito menos teórica do que prática, deve resultar principalmente do exemplo e apoiar-se sobre a grande lei natural de solidariedade;

4ª – É necessário, sobretudo no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados todo o possível à psicologia da criança, o que quase não acontece em parte alguma, nem no ensino público nem no privado.

Tais são as verdades, tais são os princípios que originaram a criação da Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância.

Cada membro da Liga compromete-se a contribuir, no círculo das suas relações e na medida do possível, à prática destes princípios. A Liga o auxiliará energicamente no seu labor. A união de boas vontades que representa esta associação não pode produzir senão resultados eficazes.

#### Estatutos

ART. 1º - Constitui-se uma liga denominada *Liga Internacional para a Educação Racional da Infância*, com o fim de introduzir praticamente no ensino da infância, *em todos os países*, as ideias de *ciência*, de *liberdade* e de *solidariedade*. Propõem-se, além disso, procurar a adoção e aplicação dos métodos mais apropriados à psicologia da criança, com o fim de obter os melhores resultados com menos esforço.

ART. 2º - Os meios de ação da Liga consistem numa incessante propaganda, sob todas as formas, dirigidas mais especialmente aos educadores e às famílias.

ART. 3º - Para ser membro da Liga basta aderir à exposição de princípios que lhe servem de base, e pagar anualmente uma cota de frcs. 1.20 como mínimo.

ART. 4º - A Liga pode constar em todos os países das seções ou dos grupos cujo funcionamento resulte de um acordo com o Comitê de iniciativa e de direção instituído pelo artigo 5º.

Os grupos constituídos podem reservar, para as necessidades do seu funcionamento, as três quartas partes da importância das quotas, ou seja frcs. 0.90 por indivíduo, e contribuir só com a quarta parte (frcs. 0.30 por indivíduo) para a administração central da Liga.

ART. 5º - A administração da Liga corresponde a um Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção, composto de cinco membros no mínimo e de quinze no máximo, nomeados para um prazo de cinco anos pela assembleia geral, sendo reelegíveis. O Comitê pode completar-se pela agregação de novos membros designados pelo mesmo, os quais devem ser ratificados pela assembleia geral mais imediata que se realizar.

O primeiro Comitê Internacional de Iniciativa e Direção, cujas funções terminarão na Assembleia Geral de 1913, fica assim formado:

Srs. Francisco Ferrer (Espanha) PRES.;

C. A. Laisant (França) VICE-PRES.;

J. F. Elslander (Bélgica);

Ernest Hackel (Alemanha);

---

Willians Heaford (Grã Bretanha);

Giuseppe Sergi (Itália);

H. Roorda Van Eysinga (Suíça);

Srta. Henriette Meyer, SECRETÁRIA.

ART. 6º - Institui-se mais um Comitê Internacional de Propaganda, de número ilimitado de indivíduos, cuja eleição compete ao Comitê de Iniciativa e de Direção, devendo ser ratificado na Assembleia Geral imediata.

ART. 7º - A residência social da Liga fixa-se em Paris, 21, boulevard Saint-Martin, podendo ser transferida a outro ponto por acordo do Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção.

ART. 8º - *L'Ecole Renovée*, revista periódica publicada em Paris, é órgão titular da Liga.

ART. 9º - O Comitê de Iniciativa e de Direção convocará cada ano uma Assembleia Geral da Liga, para ouvir a memória anual do Comitê, discutir as conclusões se for preciso e deliberar sobre os assuntos da ordem do dia.

ART. 10º - Os presentes estatutos só podem ser modificados por uma Assembleia Geral, por proposta do Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção.

ART. 11º - A dissolução da Liga só poderá ser deliberada por uma Assembleia geral extraordinária especialmente convocada para esse fim, e por maioria das três quartas partes dos membros presentes ou representados (CCRE, 1909, p. 2-3).

<sup>5</sup> Escritor russo (1868-1936).

<sup>6</sup> Escritor francês (1884-1924).

<sup>7</sup> Paul Langevin foi um físico francês (1872-1946).

<sup>8</sup> Escritor Irlandês (1856-1950).

<sup>9</sup> Político francês (1862-1932).

<sup>10</sup> Governador Antônio Maura.

<sup>11</sup> Anarquista cubano. Ver: FERNÁNDEZ, Frank. **El Anarquismo em Cuba**. Fundación Anselmo Lorenzo. Madrid, 2000.

<sup>12</sup> Anarquista italiano.

<sup>13</sup> Anarquista e sindicalista espanhol. Colaborador da Escola Moderna de Barcelona e amigo de Francisco Ferrer y Guardia.

<sup>14</sup> Anarquista espanhol que contribuiu para reflexão da pedagogia libertária em alguns de seus escritos.

Recebido: maio-15

Aprovado: outubro-15